

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Participação em diálogo sobre doulas nas maternidades: entendimentos possíveis

Participation in a dialogue about doulas in maternities: possible understandings

Participación dialógica sobre doulas en maternidades: posibles sentidos

Letícia Cavaliéri¹ & Laura Vilela e Souza²

¹ Universidade de São Paulo. *E-mail*: leticiaavalierii@gmail.com *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0001-5216-7222>

² Universidade de São Paulo. *E-mail*: laura@ffclrp.usp.br *ORCID*: <https://orcid.org/0000-0003-0732-8175>

RESUMO

A participação das doulas nos partos em hospitais tem ocorrido de forma conturbada, de modo que muitas vezes elas têm sua entrada dificultada ou impedida. Esse desentendimento provém dos significados locais que diferentes comunidades linguísticas, ligadas à área da saúde, têm em relação ao papel exercido pelas doulas. Partindo do pressuposto de que os significados são construídos dialogicamente, este estudo busca compreender de que forma esses entendimentos foram afetados a partir da participação em um encontro de facilitação de diálogo entre gestores, profissionais da saúde e doulas, no qual foi utilizada a metodologia do Projeto Conversações Públicas (PCP). Foram realizadas entrevistas de feedback com 10 participantes do encontro, que foram analisadas tematicamente. Destaca-se que falar da história pessoal e não de argumentos abstratos possibilitou escutar as pessoas com opiniões opostas, criando um entendimento de que ambas as partes se preocupam com as mesmas questões, e foram levantados meios para construção de realidades futuras. A participação no encontro foi vista como oportunidade de uma nova forma de conversar e lidar com conflitos cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE:

Diálogo; Comunicação; Trabalho em grupo; Doulas; Construcionismo social.

ABSTRACT

The participation of doulas in childbirths in hospitals has been occurring in a troubled way in Brazil, so they often have their entry hindered or prevented. This disagreement comes from the local meanings that different linguistic communities, linked to the health field, have in relation to the role played by doulas. Based on the assumption that meanings are constructed dialogically, this study seeks to comprehend how these understandings were affected by participating in a dialogue meeting with managers, health professionals and doulas, in which the Public Conversations Project (PCP) methodology was used. Feedback interviews were conducted with 10 participants, which were analyzed thematically. It is noteworthy that talking about personal history rather than abstract arguments made it possible to listen to people with opposing opinions, creating an understanding that both parties are concerned with the same issues, and ways were found to build future realities. Participation in the meeting was seen as an opportunity for a new way of talking and dealing with daily conflicts.

KEYWORDS:

Dialogue; Communication; Work Group; Doulas; Social constructionism.

RESUMEN

La participación de las doulas en los partos en los hospitales se ha producido de forma conflictiva, por lo que a menudo se les dificulta o impide su entrada. Este desacuerdo proviene de los significados locales que las diferentes comunidades lingüísticas, vinculadas al área de la salud, tienen en relación al papel que juegan las doulas. Partiendo del supuesto de que los significados se construyen dialógicamente, este estudio busca comprender cómo estos sentidos se vieron afectados al participar en una reunión para facilitar el diálogo entre gerentes, profesionales de la salud y doulas, en la que se utilizó la metodología del Proyecto Conversaciones Públicas (PCP). Se realizaron entrevistas de feedback con 10 participantes de la reunión, que se analizaron temáticamente. Es de destacar que hablar de historia personal y no de argumentos abstractos permitió escuchar a personas con opiniones contrarias, produciendo significados de que ambas partes están preocupadas por los mismos temas y se plantearon los medios para construir realidades futuras. La participación en la reunión se vio como una oportunidad para una nueva forma de hablar y abordar los conflictos cotidianos.

PALABRAS CLAVE:

Diálogo; Comunicación; Trabajo en grupo; Doulas; Construcionismo social.

Informações do Artigo:

Laura Vilela e Souza

lauravilelasouza@gmail.com

Recebido em: 21/05/2020

Aceito em: 07/03/2021

O Projeto Conversações Públicas (PCP) é uma metodologia de facilitação de diálogos entre pessoas com opiniões distintas acerca de temas socialmente polêmicos (Herzig & Chasin, 2006), cujos pressupostos se articulam com as contribuições do movimento construcionista social. Esse movimento investiga os processos linguísticos e relacionais que possibilitam a produção de descrições e significados sobre o mundo, enfatizando

a primazia dos relacionamentos humanos na construção e sustentação do conhecimento. Isso significa que ‘comunidades de inteligibilidade’ avaliam quais afirmações podem ser aceitas e credibilizadas, de modo que o conhecimento passa a ser entendido como algo produzido na relação entre as pessoas, e não na mente individual (Rasera & Japur, 2005).

Gergen (1997) enfatiza a implicação pragmática da construção de entendimentos, ou seja, diferentes formas de produzir explicações e descrições de mundo implicam diferentes possibilidades de agir socialmente, de viver e se relacionar. Ademais, o construcionismo social entende o diálogo como um processo conversacional capaz de produzir novos significados decorrentes de uma postura ativa entre os participantes dessa interação, não sendo algo que ocorre naturalmente, precisando de uma estrutura que o motive e sustente (Gergen, 1999).

Em linhas gerais, a estrutura de conversa do PCP pode ser descrita em três diferentes momentos de um encontro em grupo. O primeiro momento convida os participantes a contarem quais experiências de sua vida pessoal os levaram a pensar da forma como se posicionam acerca do tema atualmente, o que visa mostrar a coerência de seu posicionamento a partir de sua história de vida, podendo gerar compreensão e empatia com os demais participantes (Black, 2009; Herzig & Chasin, 2006). O ponto de vista construcionista social que sustenta essa pergunta remete à valorização de múltiplas verdades que são mantidas por grupos sociais por meio de discursos diferentes (Gergen, 1999). O segundo momento investiga a complexidade da questão tratada, convidando, assim, os participantes a problematizarem o seu próprio posicionamento, considerando possíveis contradições, com o intuito de explorar as chamadas “zonas cinzas”, referentes às opiniões muito polarizadas.

Por fim, no terceiro momento, o facilitador abre espaço para que os participantes façam perguntas sobre curiosidades em relação ao que escutaram na conversa, em um contexto de segurança e respeito mútuo. Por ser o momento menos estruturado da conversação, o facilitador precisa atentar-se para que as perguntas não partam de argumentos, contra-argumentos, convicções ou julgamentos da opinião de outrem. Para assegurar esse ambiente democrático, cada participante tem um limite de tempo de resposta cronometrado pelo facilitador, a fim de garantir que todos tenham a mesma oportunidade de falar e de ouvir, além de acordos sobre não interromper ninguém, falar a partir das experiências pessoais e não como representantes institucionais, ouvir

com resiliência as opiniões no grupo e não ter falas de convencimento (Public Conversations Project [PCP], 2011).

Neste estudo, propomos a compreensão do uso do PCP no tema da entrada de doulas nas maternidades brasileiras. De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (código 3221-35), doulas são profissionais escolhidas livremente pelas parturientes com objetivo de suporte às gestantes durante o processo de gravidez, parto e puerpério visando seu bem-estar, com certificação ocupacional em curso para essa finalidade (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002). Trata-se de uma profissional capacitada para oferecer apoio emocional, conforto físico e suporte informativo à mulher e à família no período da gravidez, parto e puerpério por meio de métodos não farmacológicos de alívio da dor, medidas de proteção do ambiente e postura de encorajamento e tranquilidade para a parturiente e seu acompanhante de escolha. É vedada a esta ocupação a realização de procedimentos privativos de profissões de saúde, como diagnósticos médicos, avaliação da progressão do trabalho de parto, administração de medicamentos e, tampouco, interferência verbal na conduta da equipe responsável, mesmo que possua formação profissional na área da saúde que legalmente a torne apta a fazê-los.

Os órgãos oficiais de saúde indicam que a presença da doula ocasiona diminuição das intervenções médicas. Pesquisas com grupos de mulheres acompanhadas por doulas em comparação a grupos de mulheres assistidas pela enfermagem tradicional indicam que nos primeiros há menor incidência de problemas perinatais, incluindo partos cesáreas, uso de ocitocina, anestesia peridural, menor índice de bebês admitidos em unidades de cuidado intensivo neonatais, redução da ansiedade materna, do tempo de parto e maiores evidências de comportamentos materno de interação mãe-bebê (Leão & Bastos, 2001; Silva, Barros, Jorge, Melo, & Ferreira Junior, 2012). Assim, autores entendem a abertura para as doulas como uma forma de promover a assistência humanizada ao parto, possibilitando a liberdade de escolha da mulher, maior integralidade de práticas benéficas à díade mãe-bebê, valorização do conhecimento popular e ampliação de modalidades terapêuticas que podem ser associadas ao modelo convencional de parto (Lima, Pinheiro, Miranda, Guedes, & Almeida, 2019).

Os profissionais da saúde que se opõem a essa entrada das doulas nas maternidades o fazem por entenderem que muitas doulas não possuem formação mínima necessária, o que poderia levar a orientações inadequadas que dificultariam o manejo da equipe médica, principalmente quando avaliam a necessidade de

métodos mais invasivos. Além disso, muitos profissionais não têm informações a respeito da função e do tipo de intervenção prestada por essas profissionais e, tampouco, as consideram parte da equipe de assistência ao parto (Ferreira, 2015).

Existe, assim, uma diferença de entendimento entre duas comunidades linguísticas que compartilham e sustentam discursos diferentes em relação às práticas de assistência ao parto: de um lado, o modelo obstétrico hegemônico e de outro, a medicina baseada em evidências, que a partir de revisão sistemática das práticas médicas, propõe mudanças em relação ao primeiro modelo, entre elas, o movimento pela humanização da assistência ao parto, dentro do qual se inserem as práticas da doulagem (Silva, 2017). Além disso, categorias profissionais se sentem excluídas do processo de inserção das doulas, uma vez que não participaram de discussões, planejamento ou treinamento dessas profissionais, como delimitação de funções e estabelecimento de protocolos. Dessa forma, há um questionamento por parte de alguns profissionais se a inserção de doulas fomentava de fato a construção da assistência multiprofissional, uma vez que essa não foi compreendida como uma estratégia coletiva de melhoria da qualidade da assistência, mas sim como uma imposição por parte da instituição (Herculano, Sampaio, Brilhante, & Barbosa, 2018).

Desse modo, a entrada das doulas nas maternidades envolve dúvidas em relação à natureza do trabalho realizado por essas profissionais, além de questões referentes à não normatização dos cursos profissionalizantes, visto que atualmente não há diretrizes básicas para carga horária mínima e obrigatoriedade de aulas práticas (Silva, 2017). Nesse sentido, são produzidos diferentes entendimentos em relação ao reconhecimento dessa ocupação, de forma que, em diversas situações, as doulas são impedidas de acompanhar as parturientes dentro dos hospitais.

Acreditamos que as discussões referentes ao acompanhamento das doulas nos processos do parto podem se beneficiar do uso da metodologia do PCP para a oferta de um espaço de reflexões sobre o tema, na busca de possíveis interesses em comum. Estudos no país com o uso dessa metodologia de diálogo mostraram a qualificação da conversa e maior abertura para a diferença em torno de temas potencialmente geradores de conflitos sociais (Moscheta, Souza & Santos, 2016, Souza, Moscheta & Scorsolini-Comin, 2019), sendo ainda inédito seu uso no cenário de disputas sobre a entrada das doulas nas maternidades brasileiras. Portanto o

objetivo deste estudo foi compreender os efeitos da participação em um grupo de facilitação de diálogo inspirado no PCP na construção de entendimentos sobre o tema das doulas.

Método

Contexto da Pesquisa

No município onde o trabalho foi realizado, a polêmica com relação à entrada das doulas nas maternidades da cidade levou à elaboração de um projeto de lei municipal que visava regulamentar sua participação nos processos de parto realizados nos hospitais da cidade. Durante o processo de construção dessa lei, as doulas relataram o desejo de dialogar com os profissionais da saúde e gestores acerca de sua atuação. Compreendia-se que o PCP possibilitaria a ampliação dos entendimentos sobre o tema, favorecendo a adequação do projeto ao contexto municipal. Assim, o PCP foi uma aposta para que as próprias pessoas afetadas pela lei participassem de sua construção, sendo esse formato dialógico um instrumento para qualificação da participação democrática (Rasera, 2017).

O encontro aconteceu em novembro de 2017 foi conduzido por dois psicólogos com experiência em facilitação de diálogos e no uso do PCP. Para o encontro de diálogo foram convidados os gestores de todas as maternidades da cidade e todas as doulas envolvidas nas discussões sobre o tema no município.

Participantes

Uma vez ocorrido o encontro de PCP, todas as pessoas presentes foram convidadas a participar desta pesquisa. Com exceção de uma das enfermeiras, todas as demais (10 pessoas) concordaram em participar. Foram elas: Joaquim, obstetra e gestor de uma maternidade particular, posicionando-se contra a entrada das doulas; Cecília, enfermeira obstetriz, com cargo de chefia no setor, em um hospital privado, demonstrou diversos receios em relação à atuação das doulas nos hospitais; Henrique, obstetra em um hospital público, com experiência em gestão de uma maternidade particular, a favor da presença das doulas, porém com receios em relação a esta atuação no sistema público de saúde; Solange, fisioterapeuta de uma unidade de urgência privada, todas a favor do tema; Miguel, obstetra e gestor de uma maternidade pública, a favor do tema e, por fim, cinco doulas, a favor de sua entrada nos hospitais, sendo elas: Rita, assistente social; Melissa, pesquisadora científica e mãe; Valentina, mãe; Ísis, fisioterapeuta obstétrica e mãe; Yasmin, enfermeira.

Instrumento e Estratégia de Produção de Dados

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais presenciais em um período de 15 a 20 dias após o encontro. O roteiro seguiu o formulário de *feedback* elaborado pelos teóricos do PCP (PCP, 2011), composto pelas seguintes perguntas: a. Qual foi a experiência mais satisfatória, enriquecedora ou valiosa que você vivenciou no grupo de PCP? b. O que foi menos satisfatório, frustrante ou desapontador? c. Você pode dizer algo sobre o que você está levando dessa experiência? d. Qual conselho ou sugestão você pode oferecer para as pessoas que queiram facilitar conversas futuras?

Além disso, investigamos as expectativas dos participantes sobre a utilidade desse tipo de conversa para pensar o processo de construção da lei municipal. Para tanto, utilizamos as seguintes perguntas: a. Como foi a decisão de estabelecer um diálogo sobre esse tema? / Como foi receber o convite para participar do encontro? b. Quais eram as suas expectativas para o encontro? c. Como você entende a utilidade desse tipo de conversa para pensar a construção da lei sobre a entrada das doulas na maternidade?

Organização e Análise de Dados

Após sucessivas leituras, as transcrições das entrevistas foram analisadas tematicamente. Como afirmam Clarke e Braun (2018), a análise temática é um método adequado para análise das visões e relatos de experiências das pessoas especialmente quando relatadas por meio de entrevistas transcritas. A proposta de análise temática seguida neste artigo foi a de Braun e Clarke (2006), que propõem o uso desse método a partir da perspectiva construcionista social, perspectiva essa que também dialoga com a proposta do PCP. As autoras propõem temas como pontos chave com relação ao assunto abordado criadas ativamente pelos/as pesquisadores/as em sua relação com o material analisado por meio dos seguintes passos: 1) Familiarização com o material; 2) Geração dos primeiros códigos de análise relacionados aos objetivos da pesquisa; 3) Separação dos temas em todas as entrevistas; 4) Revisão dos temas para seu refinamento; 5) Nomeação dos temas. Embora esse método se aproxime daquilo que, tradicionalmente, é chamado análise de conteúdo temática, ele, no entanto, se diferencia por compreender o conteúdo das entrevistas como uma produção conjunta entre entrevistador(a)-entrevistado(a), e não como uma representação do que o(a) entrevistado(a)

pensa ou de como as coisas são “de fato”, considerando a proposta construcionista social da linguagem como construtora da realidade.

Os temas destacados na análise foram: a) expectativas para o encontro; b) experiência mais significativa no encontro; c) o que poderia ter sido diferente; d) avaliação da estrutura da conversa e seus acordos; e) entendimentos e questionamentos produzidos e; f) o que levou da experiência. A análise desses temas dialoga com as teorias construcionistas sobre diálogo e teóricos do próprio PCP.

Cuidados Éticos

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da USP (CAAE nº 68355117.4.0000.5407). A participação no estudo foi voluntária e todos os participantes formalizaram seu consentimento mediante a assinatura do TCLE. Os nomes dos participantes neste estudo são fictícios.

Resultados

Expectativas para o Encontro

Melissa relatou como foi a iniciativa, por parte do coletivo de doulas da cidade, de buscar um espaço de diálogo com os profissionais dos hospitais:

E a gente tem que entender o outro lado também, eu entendo a dificuldade dos hospitais de deixar uma pessoa que ainda não tem uma profissão regulamentada entrar no seu serviço. Então eu acho que nesse sentido, a [nossa] organização também dá essa segurança pros gestores, né. Então surgiu essa necessidade de se unir, mas não adianta a gente continuar não tendo abertura, a gente precisa dialogar com o outro lado, e mostrar que existe seriedade, que existe comprometimento, que existe responsabilidade, e que nós queremos uma regulamentação também, porque pra nós é interessante um controle (Melissa, dezembro de 2017, clínica escola da Universidade).

Ao relatar a iniciativa para o diálogo, Melissa utilizou a palavra necessidade, indicando que, para as doulas, estabelecer uma relação mais próxima com os profissionais seria a condição inicial para que elas pudessem exercer sua função nos hospitais. Entendendo que a entrada não dependia apenas de ações dos hospitais, ela tinha a expectativa de que essa iniciativa fosse uma oportunidade para que as doulas pudessem

contribuir ativamente para a construção de uma relação de confiança com os funcionários e gestores dos hospitais.

Nessa mesma linha, Yasmin relatou sobre a necessidade de encontrar “*outras formas de conversar*” para diminuir essa resistência nos hospitais. Valentina afirmou que o encontro foi significado para o coletivo de doulas como um marco histórico por possibilitar um espaço de diálogo onde elas teriam a possibilidade de esclarecer a seriedade de seu trabalho, e também de entender melhor “o lado” da maternidade, as dúvidas, dificuldades e receios vivenciados pelas pessoas que lá trabalham.

Alguns profissionais relataram certo receio na participação no grupo, sobretudo, Cecília e Joaquim, que ocupavam cargos de chefia em uma mesma maternidade, onde a entrada das doulas estava bastante conflituosa:

Pra [sic] gente enquanto instituição, a gente sabe que tem umas barreiras, então eu fiquei um pouquinho insegura quando eu recebi o convite, achando que a coisa partiria pra um lado mais, que seria as doulas contra nós, instituição (Cecília, dezembro de 2017, sala no hospital onde a participante trabalha).

Por outro lado, os gestores que apoiavam a atuação das doulas nos partos e na humanização da assistência mostraram-se animados e motivados com o encontro:

Foi legal receber o convite pra uma discussão de um tema que está bem, vamos dizer assim, “quente” pra [sic] fazer mudanças na assistência. É gratificante ser chamado pra um grupo que está definindo diretrizes aí para os próximos anos de atuação, que vão interferir, no fim das contas, na cidade inteira, talvez até servir de exemplo pra [sic] região (Miguel, dezembro de 2017, sala no hospital onde o participante trabalha).

A participação de Miguel foi motivada por entender o encontro como uma oportunidade de participar da construção de uma política que impactaria diretamente o seu trabalho e, mais ainda, toda a região em torno do município. Apresentando-se como uma pessoa curiosa desde o início da faculdade, que está constantemente estudando novas publicações científicas, ele já partiu, desde o momento do convite, de um entendimento de que a atuação das doulas nos hospitais eleva a qualidade dos atendimentos em assistência aos partos. A palavra “quente” pode remeter à ideia de algo novo que está em evidência, tanto nas publicações científicas, como

também no sentido de que é polêmico e urgente de ser estruturado e discutido nos serviços de saúde.

Receber o convite do encontro no contexto de construção de uma lei motivou também a participação de Henrique. Porém este entendimento de que o encontro estava diretamente ligado ao processo de construção da lei impactou sua experiência no grupo de forma negativa, pois suas expectativas de discutir especificamente o texto da lei não foram atendidas no encontro: “Como a gente pode fazer pra tentar colocar isso na lei também? Não é do escopo da reunião, mas pensando, se a meta final for a redação do documento, tem que ter uma discussão a mais” (Henrique, dezembro de 2017, local de trabalho do participante).

Experiência Mais Significativa no Encontro

Os participantes apontaram a experiência de estar em um diálogo como algo completamente novo e diferente de todas as conversas que já tinham participado. Destacaram que essa proposta permitiu que eles estivessem juntos de uma forma nova: conseguindo ouvir com maior atenção e curiosidade as histórias do “outro” que nunca tiveram a oportunidade de conhecer. Isto permitiu a produção de um certo senso de compartilhamento de ideias, objetivos e preocupações:

Foi justamente essa possibilidade de mostrar que nós também estamos preocupadas com uma regulamentação, né [Sic]?, que a gente não quer que o hospital simplesmente abra as portas de forma desordenada. Então, pra mim, poder explicar isso, que a gente não quer meter o pé na porta, que a gente quer entrar e trabalhar juntos [Sic], isso pra mim foi o mais importante (Melissa, dezembro de 2017, sala na clínica escola da Universidade).

Melissa explicou no grupo sobre a Associação de Doulas do Estado de São Paulo (ADOSP) e sua organização para estruturar diretrizes para pautar a atuação das doulas e servir de respaldo para a gestão e equipe médica das maternidades em caso de atuação irregular ou eventuais problemas com doulas nas instituições.

Valentina afirmou que o compartilhamento de preocupações foi sua experiência mais valiosa no grupo, complementando que para ela foi muito positivo a participação de outros profissionais do parto, pois pôde perceber a parceria e o apoio deles. De forma semelhante, Henrique destacou que a forma como o grupo foi conduzido levou os participantes a um movimento de colaboração entre si, a despeito das dificuldades

particulares de seu contexto de trabalho, o que levou a uma diminuição da sensação de polaridade e separação entre os grupos:

Hum, ver que todos os lados é... demonstram maleabilidade pra tentar se adequar ao outro lado. Então tipo, o administrador hospitalar mostra que ele tem o desejo de - com as suas reticências, com as suas limitações - de autorizar a entrada das doulas. As doulas se organizando pra regulamentar a profissão, para poder preencher as recomendações da administração hospitalar. Então a gente vê que são dois grupos que, como eu falei, não são tão opostos. Eles pensam na mesma direção, com caminhos um pouco diferentes, sabe, mas vê que um grupo está se adaptando para esse grupo conseguir caminhar no mesmo sentido (Henrique, dezembro de 2017, local de trabalho do participante).

Mesmo denominando os grupos por “lados”, o que remete à polaridade, Henrique fez um movimento em sua fala de reconhecer que aquilo que ele chamou de lados não eram tão opostos e tão diferentes, pois cada um, à sua maneira, estava trabalhando em conjunto em prol de um objetivo compartilhado.

O Que Poderia Ter Sido Diferente

Muitos participantes relataram que sentiram falta de pessoas que se declarassem mais abertamente contrários à entrada de doulas em hospitais, por acreditar que ouvi-las tornaria a conversa ainda mais enriquecedora. Além disso, Yasmin, Valentina e Miguel levantaram hipóteses sobre a participação de Joaquim no encontro e também sobre a ausência de outras pessoas que se posicionavam contra a temática.

Acho que é difícil a exposição, se um gestor se expõe a favor, talvez a parte da gestão do hospital caia em cima dele e outros colegas médicos que não concordam. Se ele se expõe contra, tem a parte paciente, tem a parte população que talvez vá cair em cima dele, então acho que eles preferem se reservar e fingir que não é com eles a história (...) ele era o único com a opinião mais diferente, se tivesse mais um ou dois ali com ele, eu acho que talvez ele até tivesse [Sic] mais coragem de expor. Ali você vê que ele falava, mas ele falava um pouco... com cuidado (Yasmin, dezembro de 2017, consultório da participante).

A fala de Yasmin retoma como se posicionar pode significar implicar-se com determinadas ações em direção ao posicionamento, o que poderia ter dificultado a participação de pessoas com opiniões contrárias ao tema, ou pessoas que não gostariam de se comprometer a partir de um posicionamento colocado no grupo. Com isso é possível refletir sobre influência da ausência destas vozes na participação de pessoas que eram contra ou tinham ressalvas em relação à atuação das doulas nos hospitais: inibição ao expor seu posicionamento de forma mais autêntica, por ser uma minoria perante a opinião do grupo que acabou sendo composto em sua maioria por doulas.

Alguns participantes falaram sobre a limitação de tempo do encontro, o que não permitiu explorar pontos muito importantes como atuação das doulas no SUS: “Pra tentar entender melhor o que tem por de trás, o que é real na lei do SUS, o que que não” (Valentina, dezembro de 2017, consultório da participante).

Avaliação da Estrutura da Conversa e Seus Acordos

Valentina descreveu os efeitos de mudar de lugar de fala na conversa, passando de uma conversa entre grupos/classes, para uma conversa entre seres humanos com suas particularidades:

A gente chega carregando a bandeira. E aí, a primeira pergunta já quebra isso, né [Sic] (...) você sempre voltar ao teu lugar de indivíduo na sua história pessoal, e não representando ninguém (...) É, eu acho que principalmente esse lugar da fala, assim, que ajuda muito a levar e a ouvir o do outro, o lugar do outro, como é que ele vê, sente e reflete (Valentina, dezembro de 2017, consultório da participante).

Rita descreveu o efeito que sentiu, em termos de mudança de percepção em relação ao outro a partir da escuta das histórias pessoais:

Quando você ouve o porquê a pessoa tem resistência àquilo... Isso te sensibiliza e faz você ver a parte humana dela. Muitas vezes você vai ver a parte institucional e aquilo te incomoda “Gente, por que que não deixa entrar? Por que que não quer conversar? Por que que não consegue negociar?”. E aí, quando você vê a parte humana, isso dá uma diminuída, você fala assim “Ah, tem um ser humano atrás disso, então dá pra eu respeitar ele por conta disso”. E eu acho que isso

reduz muito essa má impressão que te gera, negativa (Rita, dezembro de 2017, local de trabalho da participante).

Yasmin enfatizou o limite de tempo para fala de cada participante como um fator que promoveu uma escuta mais qualificada das falas e, conseqüentemente, possibilitou maior reflexão sobre o que ela estava ouvindo sobre posturas que ela identificou como diferentes das que ela habitualmente tomava em outros modelos de conversa:

Você não fala meio que com o sangue quente, da boca pra fora, você está ali analisando o que o outro falou, porque o outro falou isso, você tem um tempo maior de reorganizar as informações na sua cabeça antes de falar (Yasmin, dezembro de 2017, consultório da participante).

Entendimentos e Questionamentos Produzidos

Yasmin e Ísis afirmaram ter passado a se questionar em relação ao quanto concordavam com a construção de uma lei, ponderando que talvez a obrigatoriedade da lei prejudicasse a aceitação e o acolhimento dos demais profissionais com as doulas:

Não acho que precisa ser uma coisa obrigada, devia ser uma coisa de que eles chegassem à conclusão de que isso era legal, porque não adianta a gente entrar na maternidade e todo mundo virar as costas pra gente, porque a gente acaba não conseguindo fazer nada (Ísis, dezembro de 2017, consultório da participante).

Parece que ouvir as particularidades das histórias pessoais teve um efeito em Ísis de perceber que, embora ela se identificasse com as doulas, ela se distinguia do grupo em alguns aspectos, por não concordar com todas as crenças e discursos comumente utilizados por ele. Explorar as áreas de indefinição e dilemas sobre a própria convicção a levou a perceber certa heterogeneidade dentro do grupo e, com isso, se questionar sobre em quais outros aspectos ela se diferenciava das doulas, constatando que talvez a lei não fosse a melhor forma de exercerem plenamente sua função nos hospitais, uma vez que o fator da obrigatoriedade poderia causar desconforto nos demais profissionais.

A ampliação da discussão também produziu novos entendimentos sobre o tema para Cecília, que passou a se questionar, ao longo da conversa, o quanto ela realmente estaria aberta à atuação das doulas dentro do hospital:

Você percebe que a gente ainda tem que amadurecer muito ainda. Que até pra gente o conceito de doula ainda tem alguns pontos de interrogação. Tira umas dúvidas, mas também coloca [outras] se “Será que eu realmente estou tão aberta para isso como eu acho que eu estou?” (Cecília, dezembro de 2017, sala no hospital onde a participante trabalha).

A escuta dos diferentes posicionamentos levou a uma reflexão mais aprofundada sobre o próprio posicionamento nas participantes, seja para questionar o quanto concordavam com os pontos defendidos pelo grupo do qual faziam parte, ou para refletir com profundidade e honestidade quanta disponibilidade havia de fato para que se responsabilizarem em cumprir o que ela estava dizendo para o grupo.

O Que Levou da Experiência

De forma geral, os participantes enfatizaram os benefícios da forma dialógica de se conversar. Miguel relatou que aprendeu “*uma tática*” para lidar com situações de conflito, as quais ele acredita que serão úteis para aprimorar seu trabalho enquanto gestor:

Quando a gente trabalha em gestão, envolve muitas situações de conflito pra resolver, e entrou aí uma luz de uma nova forma de abordar: chamar todo mundo que está envolvido, pactuar regra direitinho do que vai ser conversado pra ir discutindo, não deixar a discussão aberta. Então acho que é uma metodologia que dá pra ir incorporando ela [Sic] parcialmente, uma tática (Miguel, dezembro de 2017, sala no hospital onde o participante trabalha).

Solange também relatou que a vivência da metodologia do PCP será incorporada em sua prática profissional, nas diversas reuniões e assembleias que ocorrem no serviço de saúde onde ela trabalha. Além da questão do limite de tempo e da não interrupção, ela destacou o fato de que todas as pessoas foram convidadas a falar de forma implicada e a participar ativamente da discussão: “O fato de eu ter que falar alguma coisa, acho que faz a gente pensar mais ainda sobre o tema. Você vai ter que se posicionar de alguma forma” (Solange, dezembro de 2017, local de trabalho da participante).

Valentina destacou que sua participação ajudou a construir um valor importante que ela pretende levar para outras esferas de sua vida, a importância da escuta. A participação de Cecília foi atravessada pela construção de um novo entendimento sobre a função da doula, uma profissional que trabalha na mesma área, e o esclarecimento de que são escopos de atuação diferentes:

Eu acho que o principal que eu estou levando é isso, o pouquinho de “pré-conceito” e o pouquinho de resistência que eu tinha com relação a esse assunto foi quebrado, assim. Talvez essa “competição” entre aspas, de “será que elas vão chegar e tomar o espaço que não é delas?” foi quebrado. Eu acho que isso foi o principal, quebrar isso que era meu. Elas querem o espaço delas, enfim, não é o meu espaço, não é o da equipe, é o delas, e é voltado para o paciente (Cecília, dezembro de 2017, sala no hospital onde a participante trabalha).

Cecília contou que estes entendimentos serão levados para sua prática profissional no hospital, pois ajudaram a quebrar a ideia de competitividade e disputa de espaço entre as categorias profissionais, compreendendo que ambas direcionam suas ações para o mesmo propósito: o cuidado com o paciente. Yasmin e Melissa falaram sobre levar para suas reuniões de trabalho e para relações pessoais o que aprenderam sobre o potencial de ouvir o outro como forma de refletir sobre seus próprios posicionamentos e ideias.

Discussão

A metodologia de diálogo produziu um ambiente que favoreceu a construção de ideias compartilhadas entre os grupos: necessidade de estabelecer diretrizes de regulamentação da ocupação das doulas e delimitação das ações que são permitidas e que são vetadas para atuar em maternidades, de modo a oferecer assistência qualificada às gestantes. Ademais, esses entendimentos compartilhados deram visibilidade e incentivo ao movimento que está sendo articulado pela categoria em prol de uma regulamentação, a fim de assegurar que apenas as doulas devidamente capacitadas tenham acesso ao ambiente hospitalar.

Teóricos do PCP sugerem que a construção de entendimentos compartilhados entre as pessoas que pensam de modos distintos frequentemente leva a diminuição dos estereótipos entre elas (Herzig & Chasin, 2006). Conforme disse a enfermeira Cecília, na medida em que ela afirma que a percepção do objetivo compartilhado de cuidar do paciente “quebrou” suas resistências e “pré-conceitos” em relação à atuação das

doulas em seu ambiente de trabalho. Segundo Stains (2012), para mudar as relações entre pessoas é preciso modificar os padrões que sustentam sua comunicação, dentre eles, sair do padrão de olhar o outro a partir de descrições estereotipadas. Assim, a descrição de Rita sobre os efeitos na forma de perceber e compreender as pessoas com quem antigamente tinha conflitos, pode indicar uma nova possibilidade de interação e ação depois do diálogo ao compartilharem novamente o espaço de trabalho. Esse ponto é reiterado por Rasesa (2017) no sentido de que “a mudança de sentidos pode ter efeitos transformadores nas relações entre pessoas, grupos sociais e instituições” (p. 428).

O contexto de trabalho dos participantes parece ter atuado como um elemento circunscritor dos posicionamentos e ações de seus membros durante o grupo. Os gestores institucionais pareceram cuidar para não expor aspectos da cultura e das políticas do hospital e, assim, não comprometer sua instituição. Os posicionamentos na conversa sugerem que dentro dos hospitais ainda existem muitas dúvidas e diferentes entendimentos sobre o trabalho prestado pelas doulas. Rasesa (2017) enfatiza a importância de que, no diálogo, as diferenças entre as vozes em conflito não sejam apagadas, de modo que este fator mostrou-se um importante limite deste estudo, por não ter alcançado uma composição grupal plenamente heterogênea tal como propõe a metodologia do PCP com o objetivo de proporcionar um clima de maior segurança para expressão de posicionamentos diversos.

Como em um único encontro o PCP se mostrou um dispositivo rico e transformador para experimentar um novo jeito de conversar com pessoas que pensam diferente. Faz-se plausível imaginar a possibilidade de haver mais encontros e como esses permitiriam avançar ainda mais nos detalhes das diferenças de opiniões, constituindo assim uma possibilidade interessante de execução da metodologia que pode ser melhor explorada.

Falar a partir da própria experiência tem um importante efeito na redução do conflito entre grupos, uma vez que ajuda as pessoas a se escutarem de forma mais respeitosa e curiosa, possibilitando conhecer em maior profundidade os aspectos que sustentam posicionamentos diferentes, promovendo aproximação e senso de conexão entre as pessoas, além de uma curiosidade genuína em conhecer mais sobre o pensamento diferente. O PCP aposta nas histórias pessoais em detrimento de representar instituições ou grupos, por entender que essa mudança favorece o abandono de posições polarizadas, dado que as narrativas pessoais são mais sensíveis a

transformações na forma de ver e entender uma opinião diferente (Black, 2009). Rita relatou o quanto ouvir o gestor do lugar de sua história pessoal foi marcante para ela, pois foi o que tornou possível respeitá-lo. O lugar institucional costuma ser tomado como óbvio no cotidiano das trocas relacionais, e é entendido como algo cristalizado ou rígido, na medida em que a instituição em si não é um sujeito com quem se pode dialogar em uma situação cotidiana, o que se torna desafiador por transformar estes discursos dependeria de ações macrossociais (Black, 2009).

De acordo com a definição de diálogo assumida neste trabalho, a fala de Yasmin sinaliza que, para ela, a interação estabelecida foi dialógica, uma vez que houve reflexão acerca das posições e concepções apresentadas pelos demais participantes, possibilitando a construção de novos sentidos sobre seus posicionamentos. Além disso, ela relatou sentir durante o grupo que essa reflexividade perante a escuta de posicionamentos diferentes fez com que os participantes transformassem suas próprias falas, reorganizando-as com mais cuidado, criando a oportunidade de incorporar nelas os novos entendimentos que foram construídos a partir das contribuições dos outros participantes. Assim, conforme discutem estudiosos do PCP, percebemos que o formato estruturado e artificial do PCP foi o que promoveu grandes efeitos reflexivos (Moscheta et al., 2016).

A utilidade atribuída pelos participantes ao PCP no processo de legislação foi de aproximação entre as pessoas com condições de falarem de si com transparência. A visibilidade dada aos entraves e dificuldades vivenciados pelos diferentes atores se mostra essencial para a implementação de um projeto de lei na medida em que permite que sejam traçados planos de ação para solucionar estes pontos e também delimitar parâmetros de regulamentação que atendam às necessidades das pessoas que concretizam essas ações no cotidiano. De forma mais ampla, podemos pensar o PCP como possibilidade para que a própria população tenha oportunidade de participar da construção da democracia, a partir da valorização de suas experiências e do seu papel enquanto cidadãos e profissionais responsáveis pelas dificuldades e soluções das problemáticas que emergem em seu meio (Rasera, 2017).

Além das ações macrossociais ligadas a instituições e associações, puderam ser levantadas ações relacionais cotidianas. Por exemplo: conhecer a preocupação da enfermeira de que as doulas ocupassem o seu

espaço, sinalizou para as doulas a necessidade de informar melhor a população sobre seu escopo de atuação profissional. Podemos pensar a expectativa de uma nova compreensão sobre as questões que permeiam o conflito como possibilidade de criar formas alternativas de enfrentamento às dificuldades vivenciadas no contexto. Herzig e Chasin (2006) discutem que ao desenvolver entendimentos mútuos, as pessoas frequentemente experienciam relacionamentos de maior confiança entre si. Portanto pode-se pensar nesse espaço de diálogo entre profissionais como uma possibilidade de construção de ações conjuntas para melhoria do contexto de trabalho compartilhado e fortalecimento da assistência multidisciplinar, possibilitando que as diferentes categorias profissionais estejam juntas em prol do ideal compartilhado de oferecer assistência qualificada aos partos. Nesse sentido, é possível compreender o diálogo como uma ação na medida em que pode favorecer a construção de parcerias e que, por sua vez, essas parcerias dependem da visibilidade aos interesses comuns dada pelo contexto conversacional de segurança e respeito promovido pelo PCP (Souza et al., 2019).

O encontro do PCP foi pensado como estratégia para promover aproximação entre as pessoas envolvidas na questão de uma nova forma, percebendo as nuances das opiniões que normalmente aparecem apenas em falas polarizadas e também compreendendo o que sustenta opiniões diferentes, a fim de que refletissem sobre as opiniões e produzissem novos significados sobre o tema. No entanto, o convite envolvia também o contexto de elaboração da lei, uma vez que ao buscar a facilitação de diálogo, havia a expectativa de que ouvir as histórias das pessoas envolvidas com a questão ajudasse a ampliar o entendimento sobre o tema e, portanto, qualificar o texto da lei. Para as pessoas convidadas, a construção da lei também se tornou um elemento importante para sua participação no grupo. Assim este estudo permitiu pensar o PCP como uma primeira etapa para um caminho de construção de ações conjuntas em prol de um trabalho com objetivos comuns, sugerindo a realização de mais encontros, utilizando outras metodologias de conversa que proporcionem uma discussão mais conclusiva sobre as questões que serão abordadas no texto do projeto, dando continuidade aos pontos levantados na etapa anterior. Deste modo propomos estudos futuros que levem em conta a possibilidade de mais encontros para a concretização dessas ações.

A ausência de vozes contrárias à entrada das doulas mostrou-se um importante limite a este estudo. Levando-se em consideração que a vinculação institucional pode ter prejudicado a participação de alguns

profissionais no grupo – tanto em relação a comparecer ao grupo quanto na qualidade de escuta e possibilidades de posicionamento dos profissionais que compareceram ao encontro – pensamos que trabalhar melhor a ênfase na experiência pessoal em detrimento do vínculo institucional durante a etapa preparatória para o encontro possa ser interessante para inspirar maior confiança na participação desses profissionais.

Este estudo permite questionar a participação de pessoas que acreditam haver um entendimento uniforme e óbvio sobre o tema, uma vez que estas podem ter uma experiência pouco significativa no diálogo, dado que a proposta do PCP é justamente explorar a existência de uma multiplicidade de significados sobre um assunto. Todavia a experiência de muitos participantes demonstrou que ainda existem entendimentos diversos sobre a questão das doulas, de modo que um espaço de diálogo se mostrou útil para ressignificar os papéis de cada profissional, bem como mapear as questões que permeiam o conflito como forma de construir estratégias de enfrentamento às dificuldades.

Referências

- Black, L. W. (2009). Listening to the city: Difference, identity, and storytelling in online deliberative groups. *Journal of Public Deliberation*, 5(1), 1-35. Recuperado de <http://www.publicdeliberation.net/jpd/vol5/iss1/art4>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. doi:10.1191/1478088706qp063oa
- Clarke, V., & Braun, V. (2018). Using thematic analysis in counselling and psychotherapy research: A critical reflection. *Counselling and Psychotherapy Research*, 18(2), 107-110. doi:10.1002/capr.12165
- Ferreira, A. R. Jr. (2015). *Profissionalização invisível: Formação e trabalho de doulas no Brasil*. (Tese de Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2406214
- Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.
- Gergen, K. J. (1999). Rumo a um vocabulário do diálogo transformador. In F. D. Schnitman, & Stephen Littlejohn (Orgs.), *Novos paradigmas em mediação* (pp. 29- 45). Porto Alegre: Artmed.
- Herculano, T. B., Sampaio, J., Brilhante, M. A. A., & Barbosa, M. B. B. (2018). Doulas como gatilho de tensões entre modelos de assistência obstétrica: O olhar dos profissionais envolvidos. *Saúde em Debate*, 42(118), 702-713. doi:10.1590/0103-1104201811813
- Herzig, M., & Chasin, L. (2006). *Guía de componentes básicos del Proyecto de Conversaciones Públicas*. Watertown, MA: Public Conversations Project.
- Leão, M. R. C., & Bastos, M. A. R. (2001). Doulas apoiando mulheres durante o trabalho de parto: Experiência do Hospital Sofia Feldman. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 9(3), 90-94. doi:10.1590/S0104-11692001000300014
- Lima, P. O, Pinheiro, M. L. P., Miranda, J. L., Guedes, H. M., & Almeida, H. F. (2019). Compreensão sobre o trabalho da doula em uma maternidade do Vale do Jequitinhonha - MG. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 19(3), 569-574. doi:10.1590/1806-93042019000300005

- Ministério do Trabalho e Emprego (2002). *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)*. Recuperado de <http://www.mtecbo.gov.br>.
- Moscheta, M. S., Souza, L. V., & Santos, M. A. (2016). Healthcare provision in Brazil: A dialogue between health professionals and lesbian, gay, bisexual and transgender service users. *Journal of Health Psychology, 21*(3), 369-378. doi:10.1177/1359105316628749
- Public Conversations Project (2011). *Constructive conversations about challenging times: A guide to community dialogue*. Watertown, MA: Author.
- Rasera, E. F. (2017). Diálogo público e trabalho comunitário: O caso do Projeto de Conversações Públicas. In M. A. Grandesso (Org.). *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: Um diálogo entre teoria e práticas* (pp. 419-434). Curitiba: Editora CRV.
- Rasera, E. F., Japur, M. (2005). Problema e mudança em terapia de grupo: Descrições construcionistas sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(1), 201-209. doi:10.1590/S0102-37722005000100006
- Silva, R. M., Barros, N. F., Jorge, H. M. F., Melo, L. P. T., & Ferreira Junior, A. R. (2012). Evidências qualitativas sobre o acompanhamento por doulas no trabalho de parto e no parto. *Ciência & Saúde Coletiva, 17*(10), 2783-2794. doi:10.1590/S1413-81232012001000026
- Silva, F. L. (2017). *Sobre a “porta que abre por dentro”: Análise cultural do processo de formação de doulas para a assistência ao parto no Brasil*. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Souza, L. V., Moscheta, M. S., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Public conversations group as resource against LGBT violence. *Paidéia, 29*, e2905. doi:10.1590/1982-4327e2905
- Stains, R. R. (2012). Reflection for connection: Deepening dialogue through reflective processes. *Conflict Resolution Quarterly, 30*(1), 33-51. doi:10.1002/crq.21053